

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

SILVANA CRUZ

**ASPECTO VERBAL E TRANSITIVIDADE:
UMA RELAÇÃO SINTÁTICO-SEMÂNTICA**

PUC-SP

2010

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

SILVANA CRUZ

ASPECTO VERBAL E TRANSITIVIDADE:
UMA RELAÇÃO SINTÁTICO-SEMÂNTICA

PUC
2010

SILVANA CRUZ

**ASPECTO VERBAL E TRANSITIVIDADE:
UMA RELAÇÃO SINTÁTICO-SEMÂNTICA**

Monografia apresentada como exigência parcial
para obtenção do título de Especialista em Língua
Portuguesa sob a orientação da profª.dra. Marilena
Zanon.

São Paulo

2010

BANCA EXAMINADORA

"Há um tempo em que é preciso abandonar as roupas usadas, que já têm a forma do nosso corpo, e esquecer nossos caminhos, que nos levam sempre aos mesmos lugares. É o tempo da travessia: e, se não ousamos fazê-la teremos ficado para sempre, a margem de nós mesmos..."

Fernando Pessoa

AGRADECIMENTOS

A Deus, pelo dom da vida e pela virtude da perseverança.

Aos meus filhos, pela paciência e compreensão em todos os momentos em que estive ausente para que esta pesquisa pudesse tomar forma.

Aos meus amigos, que sempre acreditaram na minha capacidade de superar obstáculos.

Aos professores do curso de Língua Portuguesa da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, que foram muito mais do que inspiração para a escolha deste tema.

À professora dra. Marilena Zanon, orientadora desta monografia, pelo seu empenho, dedicação e incentivo durante o meu percurso na construção deste trabalho.

Agradeço especialmente ao meu irmão, José Cruz e sua esposa Sandra Aparecida Lara Canteira, pela força, pelo incentivo, por me mostrarem que há sempre um caminho a ser seguido e, principalmente, por nunca terem deixado de acreditar que mesmo diante de toda a dificuldade que se apresentava na ocasião do início deste curso eu ainda seria capaz de vencer.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	01
CAPÍTULO I: PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	03
CAPÍTULO II : O VERBO E SUAS CATEGORIAS	07
2.1 – As categorias.....	08
2.2 - O que se entende por aspecto verbal	10
2.3 - O aspecto verbal na língua portuguesa.....	11
CAPÍTULO III: TRANSITIVIDADE E INTRANSITIVIDADE	15
3.1 - A estrutura do enunciado	15
3.2 - As relações transitivas do sintagma verbal	18
3.3 - Tipos de argumento que determinam o predicado complexo	19
CAPÍTULO IV: ASPECTO, TRANSITIVIDADE E A CONSTRUÇÃO DE SENTIDO.....	25
4.1- O aspecto Verbal nos textos literários	31
4.2- O verbo no conto “Corinthians (2) VS Palestra (1)”	37
4.3- A transitividade e a intencionalidade discursiva	39
CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	45

INTRODUÇÃO

Responder às questões sobre a natureza das relações de transitividade nas sentenças e a sua implicação nos processos comunicativos tem sido o grande desafio de linguistas e gramáticos, nas últimas três décadas. A fragilidade e inconsistência das definições apresentadas pelas gramáticas, especialmente as normativas e de cunho didático, dificultam a compreensão da classificação transitiva dos verbos e da diferenciação de suas categorias.

O presente trabalho de pesquisa, cujo tema envolve a análise da relação entre aspecto verbal e transitividade utilizados como recurso expressivo nos textos, pretende sucintamente tornar evidente essa relação e as propriedades semânticas do verbo, demonstrando que verbos semanticamente relacionados podem exibir diferenças quanto à transitividade, produzir efeitos aspectuais diferentes e garantir maior ou menor expressividade aos enunciados.

O estudo das relações sintático-semânticas do verbo pode tornar mais eficiente a prática docente, oferecendo subsídios aos profissionais e contribuindo para a formação de usuários proficientes em Língua Portuguesa.

O capítulo I apresentará os pressupostos teóricos que embasam a pesquisa. O segundo capítulo, que tratará especificamente do aspecto verbal, apresentará breve conceituação que permitirá estabelecer semelhanças e diferenças, entre as categorias do verbo.

A apresentação dessa parte conceitual justifica-se, principalmente, pelo fato de a categoria aspecto ter pouco prestígio, fora do âmbito acadêmico. Uma pessoa pode ir até o fim de sua formação escolar, inclusive universitária, sem nunca ter ouvido qualquer referência sobre o assunto.

O capítulo III, seguindo a linha do capítulo anterior, apresentará estudo das relações transitivas do sintagma verbal e dos argumentos que determinam o predicado complexo, isto é, os predicados que apresentam verbos transitivos.

Finalmente, no capítulo IV veremos que a expressividade e a construção de sentido nos enunciados são decorrentes de um cuidadoso trabalho com a língua e que, tanto o aspecto quanto a transitividade, podem servir como importantes recursos expressivos, mostrando que, muitas vezes, o conhecimento da língua pode permitir que se torne mais evidente a intencionalidade discursiva.

Mais do que normatizar o estudo dos verbos, por meio da apresentação de conceitos e definições, esta pesquisa espera despertar o interesse pelo assunto mostrando a importância desse trabalho linguístico, como valioso recurso expressivo, na produção textual, seja ela oral ou escrita.

CAPÍTULO I: Pressupostos Teóricos

“A lição sabemos de cor

Só nos resta aprender...”

Beto Guedes

Um dos assuntos que mais tem intrigado os linguistas, nas últimas décadas, é a natureza da relação de transitividade nas sentenças e sua possível função na comunicação. Por isso, é importante examinar algumas questões que se referem à relação entre transitividade e aspecto verbal.

A literatura vigente sobre a categoria verbal ‘aspecto’ do português apresenta tipologias diferentes. Apesar de chegarem a resultados bastante diversos, tanto no que se refere ao quadro aspectual proposto, quanto no que diz respeito à interpretação de certos fatos, Castilho, Travaglia e Costa chegaram a um consenso, pois, eles relacionam como meio de expressão do aspecto o semantema do verbo, os adjuntos adverbiais, os afixos (prefixos e sufixos), a flexão temporal, certos tipos oracionais, a repetição do verbo. Travaglia acrescenta, ainda, que o aspecto será expresso pela ênfase entonacional, pelas preposições, pelo complemento e o sujeito do verbo.

Castilho, por sua vez, concluiu que o aspecto na língua portuguesa é melhor representado pelo sentido próprio do verbo, pela flexão temporal, pelos adjuntos adverbiais e pelos tipos oracionais, por isso, afirma que o aspecto é uma categoria léxico-sintática. O autor acrescenta, ainda, que a duração expressa pela perífrase pode vir ampliada ou restrita, de acordo com o adjunto adverbial que a acompanha.

É interessante lembrar que, para Travaglia, dentre os vários adjuntos adverbiais que colaboram na expressão do aspecto, em português, predominam, quase sempre, os de frequência e de tempo. Ele observou que esses adjuntos adverbiais evitam ambiguidades, marcam o aspecto por si ou em combinação com outro elemento, ou reforçam um aspecto

expresso por outro elemento, tornando-o mais patente. A maioria dessas observações são, também, ideias defendidas por Castilho.

Costa denomina de “circunstanciais temporais” os tradicionais advérbios e locuções adverbiais, conjunções e formulações oracionais que, “configurando-se como possibilidade de expressar o tempo físico, merecem análise quanto ao seu possível conteúdo aspectual”.

A autora definiu aspecto como sendo a “categoria linguística que marca a referência ou não à estrutura temporal interna de um fato”, a qual apresenta duas possibilidades: perfectivo e imperfectivo. Este último foi subdividido em imperfectivo em curso, de fase inicial, de fase intermediária, de fase final e resultativo.

Ainda segundo Costa, marcar a categoria de aspecto, em português, significa imperfectivizar o enunciado, de maneira que essa imperfectivação se manifeste, por meio de formas verbais, de circunstanciais temporais e de formas de substantivos e adjetivos.

A categoria “aspecto” pode ser definida para além das propriedades semânticas do verbo, em função de um conjunto de traços identificáveis no, âmbito da sentença.

Hopper e Thompson (citados por Figueira, 1996) afirmam que a transitividade é uma propriedade da sentença capaz de ser dimensionada em graus resultantes de um conjunto de componentes.

Pesquisas recentes mostram que o aspecto verbal não pode ser definido apenas como o resultado de uma marca lexical, mas, do sintagma verbal e, às vezes, da sentença como um todo.

A classificação em tipos aspectuais de Vendler (citado por Figueira, 1996) pode exemplificar essa afirmação. Ao classificar os verbos em *states*, *activities*, *achievements* e *accomplishments*, ele considera a interferência de outros constituintes, na caracterização do verbo. O que coincide com a ideia de Verkuyl (1996), de que a natureza aspectual de uma sentença não depende apenas do verbo, mas dos seus constituintes nominais, que podem conter informações quantificacionais.

O primeiro ponto considerado por esses autores é de que os verbos representantes de cada classe aspectual não são tipos puros. Assim, expressões como *construir uma casa*, *escrever um artigo*, *desenhar um círculo* (*accomplishments*), podem, mediante uma alteração no complemento, mudar de classe aspectual (tornando-se *activities*).

Portanto, o aspecto não pode ser definido como uma propriedade do verbo, apenas, mas, ele é dependente de outras marcas que fazem parte da sentença.

Esses autores buscam, exaustivamente, descrever as propriedades envolvidas na noção de transitividade, mostrando que essa noção tem a ver, não só com a presença de um objeto para o verbo, mas, com outros componentes (a punctualidade e telicidade do verbo, a atividade consciente do agente, o grau de referencialidade e afetação do objeto, a polaridade e a modalidade da ação). Nesse caso, a transitividade é descrita como uma conjunção de traços.

Sentenças praticamente iguais quanto à estrutura sintática podem apresentar diferenças semânticas evidentes, capazes de gerar alteração de sentido.

Nos capítulos seguintes, veremos que é praticamente impossível estudar a transitividade, sem considerar o aspecto, e vice-versa. Uma questão que fica em aberto, entretanto, é a de sua hierarquização.

CAPÍTULO II: O verbo e suas categorias

*“Quando o meu bem querer me vir
Estou certa que há de vir atrás
Há de me seguir por todos
Todos, todos, todos os umbrais”*

Chico Buarque

Considerações Iniciais

Na consideração das partes do discurso é importante distinguir duas classes de palavras: o nome (os seres e os objetos) e o verbo (ações/processos e os estados). Os verbos podem indicar mais do que processo, podem, ainda, exprimir as modalidades de um processo ou estado, por meio de mudanças da forma. Os nomes podem, também, indicar um processo (pensamento= pensar), porém, desconhecem a categoria de pessoa.

No âmbito da sentença, o verbo é constituinte obrigatório do sintagma verbal (SV), que desempenha privativa e exclusivamente a função de predicado – único constituinte fundamental da oração. Por isso, da classe sintática do verbo dependem as diversas estruturas do predicado e, por extensão, da própria oração.

O conceito expresso pelo verbo pode ser dimensionado de diferentes formas, por meio das categorias verbais: aspecto, tempo, modo, voz, pessoa e número. A função dessas categorias é atualizar o processo virtualmente considerado, definindo-lhe a duração (aspecto), localizando-o numa data ou perspectiva (tempo), esclarecendo a interferência do sujeito falante (modo), ou o papel a ele atribuído (voz), bem como sua relação com o ouvinte e o assunto (pessoas) e quantidade dessas entidades (número). É importante lembrar que as quatro primeiras categorias elencadas podem ocorrer simultaneamente, na mesma forma, portanto, devem ser estudadas, conjuntamente.

2.1. As Categorias

O aspecto é a visão objetiva da relação entre o processo e o estado expressos pelo verbo e a idéia de duração ou desenvolvimento. É a representação espacial do processo.

A categoria aspecto é considerada uma categoria de natureza léxico-sintática, por expressar uma idéia mais concreta e objetiva que a do tempo e, principalmente, por estar mais essencialmente ligada à noção de processo.

A categoria tempo localiza o processo, num dado momento, servindo-se de pontos de referência: o falante, o momento em que se desenrola outro processo e o momento em que se situa o falante (passado ou futuro).

Tratar de tempo e de espaço, em língua, é aproximar-se da noção de *dêixis*, que é a faculdade que têm as línguas de designar os referentes, através de sua localização no tempo e no espaço, tomando como ponto de referência o falante.

As palavras mais explicitamente dêiticas, numa língua, são os pronomes pessoais do tipo *eu* e *você*. O *eu* tem como referente “aquele que está falando” e *você* “aquele com quem o *eu* está falando”. O *eu*, porém, é um signo que não tem referente fixo no discurso, pois, se alterna num diálogo, por exemplo. Logo, concluímos que a categoria Pessoa é o eixo da *dêixis* linguística. É ela que instala o ponto dêítico, na enunciação.

A categoria Tempo é o que marca, na língua, a posição que os fatos referidos ocupam no tempo, tomando como ponto de partida, o ponto-dêítico da enunciação.

Para a explicitação da natureza dêitica da categoria tempo, podemos utilizar uma “reta cronológica” ou “linha do tempo”, na qual se marca o momento da enunciação, por meio de um ponto em que se situa o falante.

Em português, temos meios de expressar muitos pontos dessa linha, além de presente, passado e futuro, outros pontos em que estes se subdividem, os chamados tempos relativos. O Mais-que-Perfeito pode ser um bom exemplo disso. Os tempos relativos tratam os fatos enunciados, a partir do estabelecimento de dois pontos da linha de tempo: o momento da enunciação e o ponto em que se situa o fato (ponto de referência secundário). Assim, quando um falante produz uma frase como: *Quando você chegou, eu já tinha terminado a tarefa*, ele refere dois pontos, no passado, em relação ao ponto dêitico na enunciação (*chegar* e *terminar*), que ocorrem em momentos anteriores ao ponto dêitico.

Há casos, ainda, em português, em que o fato referido é válido para todos os tempos, como, por exemplo, as verdades científicas ou axiomas filosóficos, indicados convencionalmente pelo Presente do Indicativo. Veja os exemplos:

O homem é mortal.

A força da gravidade atrai os corpos.

Esse uso do presente, chamado de Atemporal, é uma espécie de tempo não-marcado, de forma neutra, no que se refere à categoria tempo.

O modo indica a atitude do sujeito, em relação ao processo verbal, que pode ser encarado como algo real (indicativo), eventual (subjuntivo) ou necessário (imperativo). Ele abrange um número ilimitado de possibilidades. Essa variedade de possibilidades decorre do fato de assentar o modo da ação, no próprio valor semântico do verbo, cujos caracteres objetivos se tem tentado apreender, por intermédio de análises diversas, cada vez mais distantes das simples noções de duração e completamente.

O semantema do verbo expressa o modo da ação; as flexões e as perífrases expressam o aspecto; fala-se, então, em “verbos aspectuais” e “tempos aspectuais”, distribuídos pela oposição presente e imperfeito (imperfectivo)/futuro, pretérito e mais-que-perfeito (perfectivo).

Aspecto e modo podem confundir-se ou conflitar-se, nos casos em que a flexão temporal e os adjuntos adverbiais provocam alterações no valor semântico do verbo.

Enquanto em relação ao tempo consideramos o aspecto mais objetivo, dizemos que, em relação ao modo da ação, ele é subjetivo. Ele engloba a categoria aspecto, por indicar, também, duração e completamento.

A voz esclarece o papel do sujeito, que poderá ser agente (voz ativa), paciente (voz passiva) ou ambas as coisas (voz reflexiva).

2.2. O que se entende por aspecto verbal

O Aspecto verbal é uma categoria pouco estudada, fora do âmbito acadêmico. Uma pessoa pode ir até o fim de sua formação escolar, inclusive universitária, sem nunca ter ouvido qualquer referência sobre o assunto.

Inicialmente, a categoria aspecto era considerada uma “qualidade do tempo”. Com o andar das pesquisas, notou-se que, apesar de relacionar-se em diversos pontos com o

tempo, afastava-se dele por representar uma atualização espacial, qualitativa do processo verbal, enquanto que o tempo se empenha, sobretudo, em sua vinculação com um dado momento.

O aspecto verbal determina de que maneira o falante considera o desenvolvimento do processo. É a propriedade que realça o caráter dinâmico e temporal do verbo. Assim, temos:

Nós iremos amanhã. (a ação ainda vai se iniciar)

Eles foram ontem. (a ação está perfeitamente concluída)

Nós íamos hoje. (a ação não está acabada; a ação permanece)

Contrariada, foi saindo sem se despedir. (a ação está em progressão)

A distinção básica, em relação aos tempos verbais, reside no fato de os tempos indicarem uma ação, concluída ou não (concluída): em latim, os tempos se distribuíam, a princípio, em dois grandes grupos, correspondentes ao aspecto perfeito e ao imperfeito.”(Câmara, citado por Nicola, 2009).

2.3. O aspecto na língua portuguesa

Distinguimos quatro aspectos fundamentais e seus respectivos valores:

Imperfectivo (duração), Perfectivo (completamento), Iterativo (repetição) e indeterminado (neutralidade).

No interior de cada modalidade de aspecto encontram-se noções que não são propriamente aspectuais, mas, representam modos da ação, uma vez que fogem à oposição duração/completamento.

A duração (aspecto imperfectivo), por exemplo, apresenta três matizes:

- a) Duração de que se conhecem claramente os primeiros momentos, pressentindo-se o seguimento do processo – aspecto imperfectivo inceptivo, que pode ainda desdobrar-se em inceptivo, propriamente dito, (começo da ação) e inceptivo incoativo (começo da ação e consequente mudança de estado).
- b) Duração de que não se reconhece o princípio, nem o fim, apresentando-se o processo em seu pleno desenvolvimento – aspecto imperfectivo cursivo, que admite duas variantes: cursivo, propriamente dito, e cursivo progressivo, que difere do primeiro, por insistir num desenvolvimento gradual do processo.
- c) A duração de que se conhece o término – aspecto imperfectivo terminativo.

A noção de completamento, que se refere ao aspecto perfectivo, implica na indicação precisa do começo e do fim do processo, pólos separados por lapsos de tempo extremamente curtos e não significativos.

Podemos subdividir o perfectivo, em três tipos:

- a) Perfectivo pontual
- b) Perfectivo resultativo, que indica o resultado consequente ao acabamento da ação.
- c) Perfectivo cessativo, em que depreende-se da ação expressa pelo verbo, uma noção de negação, que se reporta ao presente.

A noção de ação repetida levou-nos ao aspecto iterativo, que é um verdadeiro coletivo de ações, quer durativas – aspecto iterativo imperfectivo, quer pontuais aspecto iterativo perfectivo. Trata-se de um aspecto intermediário, entre os dois aspectos descritos anteriormente.

O aspecto indeterminado é assim denominado, por não ser, nem imperfectivo e nem perfectivo. Ele indica a negação da duração e do completamento.

Para melhor compreendermos o estudo do aspecto e verbal e das demais categorias, faz-se necessário considerar a classificação semântica dos verbos em télicos, cuja ação expressa tende a um fim, sem a qual a ação não se dá (matar, morrer, cair, engolir etc); e

atélicos, em que a duração do processo não exige completamento para admitir-lhe a existência (mastigar, escrever, acompanhar, dormir etc.).

É a classificação semântica dos verbos que nos explica a presença de diferentes noções aspectuais, em casos formalmente idênticos.

Diversos contrastes aspectuais podem ser marcados pelo complemento do verbo:

- cursivo/pontual: “E ele lhe lançou um olhar fraternal, em que ia gratidão e admiração de si próprio”. “Lançou-lhe uma pedra”.
- cursivo/ iterativo: “A menina desenhava uma casinha”. / “Casou-se com um grande costureiro, que desenhava todos os seus vestidos de noiva”.
- pontual/iterativo: “Deu a última badalada e esperou que uma voz respondesse do outro lado do Assu...” “Aqui que ninguém nos ouve, dou-te um conselho, mulher”.

Alguns tipos oracionais parecem estar relacionados com o aspecto do verbo:

- 1) As orações absolutas exclamativas podem exprimir a iteração: “Ah!...como o tentei, como desejei que ele manifestasse remorsos...”
- 2) O mesmo pode dizer-se das coordenadas alternativas: “As crianças ora brincavam, ora choravam”.
- 3) Entre as subordinadas, são as temporais as mais ricas de possibilidades. As de valor condicional-temporal exprimem a iteração: “Quando ela chama, nós respondemos”. Já as orações introduzidas por até que, quando e desde que, afetam o verbo da principal, que passa a exprimir término “Caminhei bastante, até que minhas pernas se recusaram a continuar”.

O outro fator, que também pode influenciar sobre o aspecto, é o contexto. O contexto pode, ainda, evidenciar a relação existente entre aspecto e transitividade, assunto que será discutido no próximo capítulo.

CAPÍTULO III: *Transitividade e intransitividade*

“Como beber dessa bebida amarga”

Chico Buarque

Considerações Iniciais

Para melhor compreendermos o fenômeno *transitividade*, é importante considerar as implicações que essa denominação nos oferece e as diferentes abordagens que apontam para uma certa resistência ao estudo da estrutura dos enunciados.

3.1. Estrutura do enunciado

Entende-se por enunciado ou período, a unidade linguística que faz referência a uma experiência comunicada, aceita por um interlocutor. Os enunciados apresentam diferentes formas estruturais, que variam de acordo com a intenção comunicativa a que se prestam. (Bechara, 2000).

Frase e oração são tipos de enunciado. A oração, por sua estrutura, representa o objeto mais propício à análise gramatical, que se pretende fazer neste estudo da transitividade, pois, diferentemente da frase, que não apresenta relação predicativa, ela revela, de forma mais precisa, a relação que seus componentes mantém, entre si. A oração se caracteriza pela presença do sintagma verbal, que reúne, na maioria das vezes, duas unidades significativas: sujeito e predicado, embora numa oração, o único termo imprescindível, seja o verbo. A relação existente, entre sujeito e predicado, dentro de uma oração, é uma relação sintático-semântica.

O estudo da transitividade envolve a discussão acerca de algumas noções, como de *termos nucleares e marginais, termos argumentais e não-argumentais, termos opcionais e não opcionais e termos integráveis e não-integráveis*.

a) *Termos nucleares e marginais*

Em:

Graciliano falou de temas universais em seus romances.

Do ponto de vista sintático-semântico, *temas universais e em seus romances* são termos nucleares, por estarem intimamente ligados à relação predicativa.

Já em:

Certamente, Graciliano viveu experiências amargas, durante sua vida,

Experiências amargas e durante sua vida, são nucleares pela relação predicativa que mantém, com o verbo viver. Já *certamente*, que se refere a toda a oração e, por isso, pode deslocar-se livremente, dentro dos limites da oração, é considerado um termo marginal.

Assim, temos:

Certamente, Graciliano viveu experiências amargas, durante sua vida.

Graciliano, certamente, viveu experiências amargas, durante sua vida.

Graciliano viveu experiências amargas, certamente, durante sua vida.

Graciliano viveu experiências amargas durante a sua vida, certamente,

b) *Termos argumentais e não-argumentais*

Nem sempre os termos nucleares vão estabelecer uma relação predicativa, no mesmo grau de coesão e de dependência. Quando essa variação ocorre, dizemos que, além de nuclear, o termo é, também, argumental.

Veja:

Graciliano conheceu experiências amargas durante sua vida.

Nesse caso, o verbo conheceu fez do termo nuclear *experiências amargas*, um argumento, por aparecer solicitado ou regido pelo significado lexical, referido pelo verbo. Já o termo *durante sua vida*, não está condicionado pelas mesmas relações sintáticas e semânticas do mesmo verbo, podendo ser excluído da oração, sem que sua estrutura se prejudique:

Graciliano conheceu experiências amargas.

Assim, *durante sua vida*, nesse caso é um termo não argumental.

c) *Termos opcionais e não opcionais*

Consideram-se opcionais os termos que podem ou não aparecer subentendidos ou por já terem sido referidos, ou porque, graças ao conhecimento que temos das coisas e do mundo podemos, facilmente, entender do que estamos falando.

Logo, não é necessário que se repita o sujeito junto ao segundo verbo do período:

Antonio saiu cedo, mas não gostou da ideia.

Também, em razão do nosso saber sobre as coisas do mundo extralingüístico, podemos ser entendidos e a oração fazer sentido, com enunciados do tipo:

Hoje não escrevi [sabe-se que se trata de um texto qualquer]

d) *Termos integráveis e não integráveis*

São integráveis as funções sintáticas que podem ser substituídas por pronome pessoal adverbial átono, também chamado clítico, por integrar-se ao mesmo grupo acentual da palavra a que se inclina, na pronúncia ou curva melodia, como, por exemplo, os complementos diretos e indiretos:

Li o livro.

Li-o

Dei o livro para Pedro.

Dei-lhe o livro.

3.2 As relações transitivas do sintagma verbal

O núcleo do predicado de uma oração é constituído pelo verbo. Esse predicado pode ser simples ou complexo, conforme o conteúdo léxico do verbo que lhe serve de núcleo. Os verbos cujo conteúdo é de grande extensão semântica para expressar determinada realidade tem essa extensão semântica, delimitada pelo auxílio de outros signos léxicos associados à realidade concreta. Esses delimitadores são os argumentos ou complementos verbais.

Os verbos que necessitam dessa delimitação semântica recebem o nome de transitivos:

O porteiro viu o automóvel.

Os verbos que apresentam significado lexical referente a realidades bem concretas não necessitam de outros signos léxicos. Dizemos, então, que eles integram predicados simples e eles são chamados pela tradição gramatical, de intransitivos.

José acordou cedo.

Um mesmo verbo pode ser usado transitiva ou intransitivamente, principalmente, quando o processo verbal tem aplicação muito vaga (Bechara, 2000):

Eles comeram maçãs. (transitivo)

Eles não comeram. (intransitivo)

Esta particularidade só é possível quando a extensão significativa do verbo aponta para um termo geral, que abrange a natureza global de todos os signos léxicos, que acompanharia esse verbo:

Eles bebem pouco. (algo líquido)

Não se pode usar, intransitivamente, predicados cujo signo lexical do complemento não possa ser preenchido por um signo léxico abrangente:

Ele ofereceu

Certos verbos transitivos, quando empregados intransitivamente, podem adquirir valores semânticos diversos:

Ele não vê / ‘não enxerga’, ‘é cego’

Conclui-se que a oposição entre transitivo e intransitivo não é absoluta, e pertence mais ao léxico do que à gramática.

3.3. Tipos de argumento que determinam o predicado complexo

a) Complemento direto ou objeto direto

Constituído por expressão substantiva, não marcada por um índice funcional (preposição), distingui-se do sujeito, por vir à direita do verbo e não influir na sua flexão. A troca da posição desses dois termos pode implicar em ambiguidade ou alteração de sentido, pois, *José viu o irmão* não é a mesma coisa que *O irmão viu José*.

Embora não haja regra infalível para a identificação do complemento direto, nos predicados complexos, algumas estratégias podem ser utilizadas para a identificação desse tipo de complemento, além da não-presença da preposição:

- A comutação do complemento direto, pelos pronomes pessoais *o, a, os, as*.

Os vizinhos não viram o incêndio / ...não o viram

- Passagem da oração da voz ativa para a voz passiva (o complemento direto da ativa passa a sujeito da passiva).

O incêndio não foi visto pelos vizinhos.

- A substituição do complemento direto pelos pronomes interrogativos *quem? [é que]* (para pessoas) e *[o] que [é que]?* Antes da sequência sujeito mais verbo.

O caçador viu o companheiro.

Quem é que o caçador viu? – o companheiro (complemento direto)

- A topicalização do complemento direto, permitindo a presença de um pronome pessoal objetivo:

O caçador viu o lobo / O lobo, o caçador o viu.

b) Objeto direto preposicionado

Quase sempre aparece para evidenciar o contraste, entre o sujeito e o complemento.

Amar a Deus sobre todas as coisas.

Ocorre nos seguintes casos:

- a) Quando se trata de pronome oblíquo tônico:

Nem ele entende a nós, nem nós a ele.

- b) Em verbos que exprimem sentimentos, quando se deseja encarecer a pessoa a quem a ação verbal se dirige:

Amar a Deus sobre todas as coisas.

- c) Para evitar confusão de sentido, quando ocorre inversão ou comparação.

A Abel matou Caim

Prezava o amigo como a um irmão

- d) Na expressão de reciprocidade:

Conheceram-se uns aos outros.

- e) Com o pronome relativo quem:

Conheci a pessoa a quem admiras

- f) Nas construções paralelas, com pronomes oblíquos:

“Mas engana-se contando com os falsos que nos cercam. Conheço-os, e aos leais.” [AH.3, 102].

g) Nas construções de objeto direto pleonástico, sem que constitua norma obrigatória:

Ao ingrato, não o sirvo para que não me magoe.

c) A preposição como posvídeo:

A preposição, que muitas vezes se apresenta depois de certos verbos, serve muito mais para lhes acrescentar sentido, do que para regrer os seus possíveis complementos.

Em “Como beber dessa bebida amarga?, da forte canção “Cálice”, composta por Chico Buarque e Gilberto Gil, por exemplo, a preposição transforma o sentido, não só de seu complemento, tornando-o mais específico e particular, como do verbo, que ganha um sentido diferente, o de ter de aceitar, submeter-se. Bebida amarga, nesse caso, refere-se a uma metáfora que representa a ditadura, espalhada em toda a América Latina, na ocasião em que a música foi escrita.

Nesse caso, assim como nos outros exemplos a seguir, a preposição recebe o nome de posvídeo.

Arrancar da espada (acentua a ideia de uso do objeto e da retirada total da bainha)

Cumprir com o dever (acentua a ideia de boa vontade para executar algo)

O objetivo deste estudo é demonstrar as relações que se podem estabelecer, entre a análise do aspecto verbal e os elementos que justificam e caracterizam a transitividade de alguns verbos. Portanto, esse tipo de determinante do predicado complexo tem especial importância para esta pesquisa.

d)Complemento relativo:

Quando o predicado complexo contém um verbo, cujo conteúdo léxico é de grande extensão semântica, exigindo outro tipo de signo léxico que delimita a experiência comunicada, esse determinante vem introduzido por preposição.

Todos nós gostamos de cinema.

O marido não concordou com a mulher.

Poucos assistiram ao concerto.

O comerciante não confiou no empregado.

Essa preposição, que introduz o complemento relativo, constitui uma extensão do signo léxico verbal.

A escolha de qual preposição deva introduzir esse complemento relativo depende da norma estabelecida pela tradição, que pode permitir o emprego variado, de mais de uma preposição.

Ele se parece ao pai

Ele se parece com o pai

Há, porém, alguns usos gramaticais previsíveis, como *depender de*, *concorrer com etc.*

Essa identidade funcional explica a possibilidade de, para muitos verbos, alterar a construção do complemento direto, com o complemento relativo, e até a norma admite, indiferentemente, qualquer dos dois complementos:

Assistir os carentes

Assistir aos carentes

Atender o telefone

Atender ao telefone

O signo léxico que representa o complemento relativo é comutável pelos pronomes pessoais tônicos introduzidos pela respectiva preposição.

Incluem-se como complementos relativos os argumentos dos verbos ditos locativos, situativos e direcionais, que podem ser comutados com advérbios de equivalência semântica:

Seus parentes moram em São Paulo

Seus parentes moram aqui

Alguns estudiosos, levando em conta, exclusivamente, o aspecto semântico, preferem considerar tais termos como adjuntos circunstanciais ou adverbiais.

e) **O complemento objeto indireto**

Denota geralmente relação a um ser animado, introduzido pela preposição a e que se refere à pessoa destinada ou beneficiada pela experiência comunicada no primeiro momento da intenção comunicativa do predicado complexo (verbo+ argumento):

O diretor escreveu cartas AOS PAIS

O complemento ou objeto indireto apresenta as seguintes características formais e semânticas:

- a) é introduzido apenas pela preposição a (raramente para);
- b) o signo léxico denota um ser animado ou concebido como tal;
- c) expressa o significado gramatical “beneficiário”, “destinatário”;
- d) é comutável pelo pronome pessoal lhe/lhes;

O complemento indireto é um termo que se distancia mais da delimitação semântica do predicado complexo e parece melhor um elemento adicional da intenção comunicativa que fica, no esquema sintático, a meio caminho entre os verdadeiros complementos verbais e os adjuntos circunstanciais.

Os estudiosos têm encontrado dificuldade para estabelecer um rigoroso critério de identificação do complemento indireto, preferindo servir-se, concomitantemente, de critérios léxicos, formais e sintáticos.

CAPÍTULO IV: Aspecto, transitividade e a construção de sentido

*"Talvez o mundo não seja pequeno
Nem seja a vida um fato consumado"*

Chico Buarque

Considerações iniciais:

O que se pretende neste capítulo é levantar algumas questões que possam mostrar a evidente relação existente entre aspecto verbal e transitividade, no estudo dos enunciados. Admitir essa relação é uma afirmação absolutamente pertinente, se considerarmos que a categoria “aspecto” pode ser definida para além das propriedades semânticas do verbo, em função de um conjunto de traços identificáveis, no âmbito da sentença .

Para argumentar acerca dessa afirmação serão considerados dois casos:

- a) O mesmo verbo produzindo efeitos aspectuais diferentes, dependendo do complemento e/ou marca flexional;
- b) Verbos semanticamente relacionados exibindo uma diferença quanto à transitividade, que pode ser captada na relação do sujeito, com o processo expresso pelo predicado.

Em ambos os casos, a caracterização quanto à categoria aspecto favorece esse estudo se considera a transitividade como uma propriedade da sentença passível de ser dimensionada em graus.

No estudo apresentado sobre a categoria aspecto, pudemos concluir que esta categoria não pode ser definida apenas como uma marca lexical apreensível no verbo, na sua forma infinitiva, mas, resulta do sintagma verbal e, às vezes, da sentença como um todo.

Bastante difundida entre os 32ingüistas, a classificação em tipos aspectuais pode servir de ponto de partida para a análise dessa questão.

Vendler, citado por Figueira, 1996, classifica os verbos em *states*, *activities*, *achievements* e *accomplishments*, não ignorando a interferência de outros constituintes, na caracterização dos verbos, pois, considera que estes podem mudar de classe, dependendo do sintagma nominal complemento. Consultando outra leitura clássica no tratamento deste tema (Verkuyl, 1996), encontra-se a afirmação de que a natureza aspectual de uma sentença não depende apenas do verbo, mas, dos seus constituintes nominais, que podem conter informação quantificacional, que contribui para determinar, por exemplo, a natureza durativa ou não-durativa da sentença.

Assim, o primeiro ponto a ser assinalado, na relação entre aspecto e transitividade, é que os verbos considerados representantes de cada classe aspectual, não são tipos puros. Assim, expressões como *construir uma casa*, *escrever um artigo*, *desenhar um círculo* (*accomplishments*), podem, mediante uma alteração no complemento, mudar de classe aspectual (tornando-se *activities*). Portanto, o aspecto não pode ser definido como uma propriedade do verbo apenas, mas, ele é dependente de outras marcas, que fazem parte da sentença.

Hopper e Thompson em um artigo intitulado “Transitivity in Grammar and Discourse” (1980), procuram descrever, exaustivamente, as propriedades envolvidas na noção de transitividade, mostrando que essa noção tem a ver, não só com a presença de um objeto para o verbo, mas, com outros componentes (a punctualidade e telicidade do verbo, a atividade consciente do agente, o grau de referencialidade e afetação do objeto, a polaridade e a modalidade da ação). Nesse caso a transitividade é descrita como uma conjunção de traços.

Descrita dessa forma, como um conjunto de traços, e não como comportando tipos polares (transitivo e intransitivo), seria possível, ao se descrever os contrastes entre enunciados comparáveis entre si, falar-se em graus de transitividade, isto é, que um enunciado é mais alto em transitividade do que outro, porque reúne mais traços que o identificam como tal.

Ao levantar os traços que determinam grau de transitividade, esbarramos, sem dúvida, no problema da categoria aspecto. De acordo com essa descrição, uma sentença com alto grau de transitividade caracteriza-se por apresentar uma série de propriedades em convergência: tem dois ou mais participantes, contém um verbo de ação, é concebida como voluntária (intencional), a ação é apresentada como ocorrendo num mundo real, e está na forma afirmativa. Além disso, o sujeito refere-se a uma entidade com alto grau agentivo (é ser humano ou animado), o objeto é um sintagma nominal, singular e definido.

Um enunciado como *Maria matou o marido com um tiro* é, para os autores citados, um exemplo de mais alta transitividade. E é, também, clara quanto a seu lugar numa das classes aspectuais propostas por Vendler. Trata-se de um *accomplishment* descrito, formalmente, por Dowty (citado por Figueira, 1996), como um verbo que *contém uma noção de um ato ou evento, no qual um sujeito é envolvido e é apresentada uma mudança específica de estado do ato ou evento*.

Em *Maria mata aves no abatedouro avícola* temos uma sentença com o mesmo item verbal, que apresenta uma distinção quanto ao complemento e o tempo. O verbo agora expressa, não mais uma atividade - resultativa, mas, apenas, uma atividade. Nesse caso, faltam indicações de individualização do objeto e da terminalidade da ação. É um verbo de atividade (*activity*). Há um decréscimo de transitividade.

Os exemplos examinados acima caracterizam o verbo matar, a partir de classes aspectuais diferentes (*accomplishment/ activities*) e, ao mesmo tempo, evidenciam um decréscimo de transitividade, pelo fato de que o Objeto não é, no segundo exemplo, individualizado: o sintagma nominal que o representa está no plural e não é definido, como no primeiro. Além disso, o verbo está no presente e não no pretérito perfeito, indicando que a ação não é vista no seu ponto final. Estas marcas, não negligenciáveis no efeito aspectual que se obtém, quando o mesmo verbo, integra sentenças parcialmente diferentes, no que toca ao sintagma verbal, tornam-se aparentes numa abordagem como esta. A soma das propriedades que estão na sentença como um todo,

resulta numa diferença aspectual, que não decorre do verbo, mas, de outros elementos que estão subordinados a ele, de alguma maneira, e assim à transitividade.

Há, ainda, a possibilidade de confrontar os *accomplishments* com os *achievements*, que mantêm, entre si, uma relação de outra ordem, que nos permitirá, não apenas focalizar o pólo do objeto, mas, também, do sujeito, tornando evidentes as relações, como seu grau de participação ou envolvimento como agente ou não do processo relatado, o que junto com outras propriedades contribui para determinar o valor aspectual da sentença.

“Achar” é o verbo que encabeça a lista dos *achievements* (ou de cumprimento de processo) de Vendler (citado por Figueira, 1996). Nesse caso, convém distinguir o “achar” accidental (*Abri a gaveta e achei uma chave*), do que é resultante de um processo intencional - com sentido de procurar - em que o objeto é o alvo da procura (*Depois de muito procurar, achei a chave*).

O envolvimento do sujeito é, em cada caso, distinto. A par da particularização do objeto, seria o traço volição, ausente no primeiro caso e presente no segundo, que caracterizaria os enunciados como distintos, em alguns pontos, numa escala de transitividade. Isso, porém, não mudaria a descrição do verbo *achar*, quanto à classe aspectual, porém, cumpre destacar que existe, no léxico do português, a contraparte verbal que expressa o desenrolar do processo intencional, que visa a este resultado: é o item *procurar*. Essas relações de sentido entre os itens do léxico têm a ver com o aspecto: duração e cumprimento de processo, em cuja descrição a noção de fase parece ser central. A procurou B significa a cessação de atividade, em direção a um objetivo, cujo completamento ou êxito somente poderá ser expresso por outra sentença: A achou B, sua contraparte télica.

Essa diferença semântica, no quadro de uma concepção tradicional de transitividade, trataria ambos os verbos como transitivos, já no quadro de uma caracterização de

transitividade, como conjunção de traços ou propriedades, seria na variação das propriedades “télico” vs. “atélico” e “ação” vs. “não-ação”, que seria possível situar a diferença de “procurar” com “achar”.

Estas últimas observações chamam a atenção para o diferente papel atribuível ao sujeito gramatical, em sentenças onde estão presentes itens semanticamente relacionados, exibindo resultados diferentes, quanto à sua caracterização aspectual e ao grau de transitividade.

Na tentativa de ilustrar esses contrastes, consideremos os seguintes enunciados, exemplos de sentenças ordenadas numa escala de transitividade :

1. A chave sumiu.
2. O menino perdeu a chave.
3. O menino escondeu a chave.

No quadro de uma definição de transitividade, como conjunção de propriedades, diríamos que 3 é mais transitiva do que 2 e que esta é mais transitiva do que 1, considerando a concepção que uma ação é melhor transferida do sujeito para o objeto, quando procede de um ato em que alguém, voluntária e conscientemente, faz algo de modo a produzir uma alteração sobre o objeto.

A aproximação mostra que a ausência de envolvimento intencional ou consciente do sujeito, no processo expresso pelo verbo, determina a existência de sentenças que serão menos transitivas do que outras.

Sentenças praticamente iguais quanto à estrutura sintática podem apresentar diferenças semânticas evidentes, capazes de gerar alteração de sentido.

No exemplo a seguir, fica evidente a necessidade de analisar as estruturas sintáticas dos enunciados, considerando a construção de sentido.

Em: *O vendedor trouxe o carro de São Paulo.* E

O vendedor fez vir o carro de São Paulo.

Notamos que ambas são, praticamente, iguais quanto à estrutura sintática. Há, porém, uma diferença semântica, entre elas. Na primeira, a fase causadora contém a fase causada, exercendo um controle sobre ela (o intervalo de tempo para que o evento se produza pode ser concebido como um só, havendo coincidência entre as duas fases). Já, no segundo exemplo, trata-se de uma causação balística, porque nesta a fase causadora funciona como um impulso inicial, a partir do qual outro evento se produz, de maneira autônoma. Nesse caso, há uma diferença de tempo, entre a fase causadora e a fase causada.

A par disso, deve-se chamar a atenção para o fato de que o processo que dá por resultado uma mudança (o deslocamento do carro) está, no primeiro caso, sob o controle de uma só entidade (sujeito). O causador executa a fase causada. No segundo caso, com a perífrase *fazer vir*, o processo que dá por resultado o deslocamento do carro, é executado por outra pessoa, que age sob o comando da primeira, numa fase subsequente.

A partir da análise dos exemplos colocados, ao longo do capítulo, concluímos que um mesmo verbo (ou sua perífrase) não sofre propriamente uma variação de transitividade em estruturas sintaticamente semelhantes, mas, o que ocorre é uma graduação decorrente de uma variação aspectual do verbo e do envolvimento do sujeito com o processo em que se dá a ação.

4.1. O aspecto Verbal e a construção de sentido

A expressividade em um texto decorre, essencialmente, de um cuidadoso trabalho de articulação, sintática e semântica.

No conto a seguir, de Alcântara Machado, observa-se o estilo ágil e dinâmico da narrativa, resultado de um cuidadoso trabalho com a língua e a utilização do aspecto verbal, como recurso expressivo.

Corinthians (2) VS. Palestra (1)

Prrrii!

- Áí, Heitor!

A bola foi parar na Extrema esquerda. Belle desembestou com ela.

A arquibancada pôs-se em pé. Conteve a respiração. Suspirou:

- Aaaah!

Miquelina cravava as unhas no braço gordo da Iolanda. Em torno do trapézio verde, a ânsia de vinte mil pessoas. De olhos ávidos. De nervos elétricos. De preto. De branco. De azul. De vermelho.

Delírio futebolístico no Parque Antártica.

Camisas verdes e calcões negros corriam, pulavam, chocavam-se, embaralhavam-se, caíam, contorcionavam-se, esfalfavam-se, brigavam. Por causa da bola de couro amarelo que não parava, que não parava um minuto, um segundo. Não parava.

- Neco! Neco!

Parecia um louco. Driblou, escorregou. Driblou. Correu. Parou. Chutou.

-Gooool! Gooool!

Miquelina ficou abobada, com o olhar parado. Arquejando. Achando aquilo um desafogo, um absurdo.

Aleguá-guá-guá! Aleguá-guá-guá! Hurra! Hurra! Corinthians!

Palhetas subiram no ar. Com os gritos. Entusiasmos rugiam. Pulavam. Dançavam. E as mãos batendo nas bocas:

- Go-o-o-o-o-o-o!

Miquelina fechou os olhos, de ódio.

- Corinthians! Corinthians!

Tapou os ouvidos.

- Já me estou deixando ficar com raiva!

A exaltação decresceu, com um trovão.

- O Rocco é que está garantindo o Palestra. Aí Rocco! Quebra eles, sem dó!

A Iolanda achou graça. Deu risada.

- Você está ficando maluca, Miquelina. Puxa! Que bruta paixão!

Era mesmo. Gostava do Rocco, pronto. Deu o fora no Biagio (o jovem e esperançoso esportista Biagiio Panaiocchi, diligente auxiliar da firma desta praça G. Gasparoni & Filhos e denodado meia-direita do S. C. Corinthians Paulista, campeão do Centenário), só por causa dele.

Juiz ladrão, indecente! Larga o apito, gatuno!

Na Sociedade Beneficente e Recreativa Do Bexiga, toda a gente sabia de sua história com o Biagio. Só porque ele era frequentador dos bailes dominicais da Sociedade, não pôs mais os pés lá. E passou a torcer para o Palestra. E começou a namorar o Rocco.

O Palestra não dá pro pulo!

Fecha essa latrina, seu burro!

Miquelina ergueu-se, na ponta dos pés. Ergueu os braços. Ergueu a voz:

Centra, Matias! Centra, Matias!

Matias centrou. A assistência silenciou. Imparato emendou. A assistência berrou.

Palestra! Palestra! Aleguá-guá! Palesta! Aleguá! Aleguá!

O italiano sem dentes, com um soco furou a palheta Ramenzoni, de contentamento. Miquelina nem podia falar. E o menino de ligas saiu de seu lugar. Todo ofegante, todo vermelho, todo triunfante, e foi dizer para os primos corinthianos, na última fileira da arquibancada:

- Conheceram seus canjas?

O campo ficou vazio.

- Ó...lh'a gasosa!

Moças comiam amendoim torrado, sentadas nas capotas dos automóveis. A sombra avançava, no gramado maltratado. Mulatas de vestidos azuis beliscões. E riam. Torcedores discutiam, com gestos.

- Ó...lh'a gasosa!

Um aeroplano passeou sobre o campo.

Miquelina mandou, pelo irmão, um recado ao Rocco.

- Diga pra ele quebrar o Biagio, que é o perigo do Corinthians.

Filipino mergulhou na multidão.

Palmas saudaram os jogadores, de cabelos molhados.

Prrrii!

- O Rocco disse pra você ficar sossegada.

Amilcar deu uma cabeçada. A bola foi bater em Tedesco, que saiu correndo com ela. E a linha toda avançou.

- Costura, macacada.

Mas o juiz marcou um impedimento.

Vendido! Bandido! Assassino!

Turumbamba na arquibancada. O refle do sargento subiu a escada.

- Não pode! Põe pra fora! Não pode.

Turumbamba na geral. A cavalaria Movimentou-se.

Miquelina teve medo. O sargento prendeu o palestrino.

Miquelina protestou baixinho:

- Nem torcer a gente pode mais! Nunca vi!

- Quantos minutos ainda?

Oito

Biagio alcançou a bola. Aí, Biagio! Foi levando, foi levando. Assim, Biagio! Driblou um. Isso! Fugiu de outro. Isso! Avançava para a vitória. Salame nele, Biagio! Arremeteu. Chute agora! Parou. Disparou. Parou. Aí! Reparou. Hesitou. Biagio Biagio! Calculou. Agora! Preparou-se. Olha o Rocco! É agora!. Aí! Olha o Rocco! Caiu.

- CA-VA-LO!

Prrrii

- Pênalti!

Miquelina pôs a mão no coração. Depois, fechou os olhos. Depois, Perguntou:

- Quem é que vai bater, Iolanda?

- O Biagio mesmo.

- Desgraçado.

O medo fez silêncio.

Prrrii!

Pan!

- Go-o-o-o-o! Corinthians!

- Quantos minutos ainda?

Pri-pri-pri!

- Acabou, Nossa Senhora!

Acabou.

As árvores da geral derrubaram gente.

- Abr'a porteira! Rá! Fech'a porteira! Prá!

O entusiasmo invadiu o campo e levantou o Biagio nos braços.

- Solt'o rojão! Fiu! Rebent'a bomba! Pum! CORINTHIANS!

O ruído dos automóveis festejava a vitória. O campo foi se esvaziando como um tanque. Miquelina murchou, dentro de sua tristeza.

- Que é – que é? É jacaré? Não é!

Miquelina nem sentia os empurrões.

- Que é- que é? É tubarão? Não é!

Miquelina não sentia nada.

Então o que é? CORINTHIANS!

Miquelina não vivia.

Na Avenida Água Branca os bondes, formando cordão, esperavam campainhando o zé-pereira.

- Aqui, Miquelina.

Os três espremeram-se no banco onde já havia três. E gente no estribo. E gente na coberta. E gente nas plataformas. E gente do lado da entrevia.

A alegria dos vitoriosos demandou a cidade. Berrando, assobiando e cantando. O mulato com a mão no guindaste é quem puxava a ladainha:

- O Palestra levou na testa!

O pessoal entoava:

- *Ora pro nobis!*

Ao lado de Miquelina, o gordo de lenço no pescoço desabafou:

Tudo culpa daquela besta do Rocco!

Ouviu, não é Miquelina? Você ouviu?

- Não Liga pra esses trouxas, Miquelina.

Como não liga?

- O Palestra levou na testa!

Cretinos.

- *Ora pro nobis!*

Só a tiro.

- Diga uma cousa, Iolanda. Você vai hoje na Sociedade?

- Vou com O meu irmão.

- Então passa por casa que eu também vou.

- Não!

- Que bruta admiração! Por que não?

- E o Biagio?

- Não é da sua conta.

Os pingentes mexiam com as moças de braços dados nas calçadas.

4.2. O verbo no conto “Corinthians (2) VS Palestra (1)”

Observe os exemplos a seguir retirados do texto:

A Iolanda achou graça. **Deu risada.**

Mulatas de vestidos azuis ganham beliscões. E **riam.**

A construção “deu risada” constrói-se com um verbo que se apóia no complemento (objeto direto) para construir um significado global correspondente ao de um outro verbo.

Logo:

Iolanda deu risada = Iolanda riu.

Note que as construções compostas correspondem a outras construções simples, com o mesmo significado. São as chamadas *perífrases verbais* ou *locuções verbais*.

O que importa é observar que a escolha entre construções simples ou compostas permite efeitos, de sentidos especiais, dentro do texto.

“Parecia um louco. Driblou. Escorregou. Driblou. Correu. Parou. Chutou.”

Nesse exemplo, retirado do texto, a escolha das formas simples confere ao texto maior sugestão de velocidade.

A escolha da melhor construção verbal para a elaboração do texto, não se da por acaso. No conto de Alcântara Machado, o uso das construções simples ou compostas permitiu diferentes efeitos de sentidos, dentro do texto. Um deles é deixar a narrativa mais rápida, em certos momentos, com frases formadas, apenas pela forma simples do verbo, ou mais lenta, utilizando-se de perífrases verbais ou verbo esvaziado de significado, mais objeto direto, como em “Miquelina ficou abobada, com o olhar parado”, ao invés de, simplesmente “Miquelina espantou-se”.

Nos exemplos a seguir pode-se observar outros efeitos de sentido obtidos, a partir da variação do aspecto verbal:

“O ruído dos automóveis festejava a vitória. O campo foi-se esvaziando como um tanque. Miquelina murchou dentro de sua tristeza.”

Tanto em “O ruído dos automóveis festejava a vitória”, como em “O campo foi se esvaziando como um tanque”, os verbos indicam uma ação durativa. Já em “Miquelina murchou dentro de sua tristeza”, indica-se uma ação pontual.

O pênalti, que Rocco comete no Biagio, é um dos momentos mais dramáticos, no conto. Os verbos são responsáveis pelo clima de tensão:

Biagio alcançou a bola. Aí, Biagio! Foi levando, foi levando. Assim, Biagio! Driblou um. Isso! Fugiu de outro. Isso! Avançava para a vitória. Salame nele, Biagio! Arremeteu. Chute agora! Parou. Disparou. Parou. Aí! Reparou. Hesitou. Biagio Biagio! Calculou. Agora! Preparou-se. Olha o Rocco! É agora!. Aí! Olha o Rocco! Caiu.

Nesse trecho, predomina o aspecto pontual, realçando a rapidez com que ocorriam os fatos, que não voltavam a acontecer.

Em oposição ao aspecto pontual, o aspecto durativo denota, além de maior lentidão na sucessão dos acontecimentos, como descreve o pano de fundo, sobre o qual ocorrem ações importantes na narrativa. No caso do conto em estudo, caracteriza a confusão própria de um jogo de futebol.

Camisas verdes e calções negros corriam, pulavam, chocavam-se, embaralhavam-se, caíam, contorcionavam-se, esfalfavam-se, brigavam. Por causa da bola de couro amarelo que não parava, que não parava um minuto, um segundo. Não parava.

No exemplo acima, que descreve o correr do jogo, predomina o aspecto durativo.

Além dos efeitos de sentido, obtidos por meio do emprego de perifrases verbais indicando os aspectos pontual e durativo, podemos identificar, ainda, no conto de Alcântara Machado, construções que indicam o início do evento (aspecto incoativo):

“E começou a namorar o Rocco”.

“Tedesco saiu correndo com a bola.”

“E passou a torcer para o palestra.”

4.3. A transitividade e a intencionalidade discursiva

Conforme pudemos observar, os verbos transitivos são os que necessitam de uma delimitação semântica e caracterizam o predicado complexo.

No predicado complexo, a ação é praticada por um sujeito e recai sobre outro objeto.

Assim, em:

Joana partiu o bolo.

A ideia partiu de Joana.

O verbo partir é transitivo. Observe, agora, o emprego do verbo partir, neste outro contexto.

“Senhora, partem tristes

Meus olhos por vós, meu bem.”

Nesse caso, a ação a que “partir” faz referência, abrange somente o sujeito (os olhos). O sentido do verbo não necessita de nenhum complemento. O verbo partir, no contexto da frase do poema, é um verbo intransitivo.

No predicado complexo, o núcleo do objeto pode ser representado por: um substantivo, uma palavra substantivada, um pronome pessoal oblíquo, um pronome indefinido substantivo ou uma oração substantiva.

A escolha da representação desse complemento, assim como o aspecto verbal, conferem ao texto maior ou menor expressividade e construir diferentes sentidos, o que determinará a intencionalidade discursiva.

O exemplo a seguir foi retirado do conto “Penélope”, de João do Rio (1881-1921), cronista, teatrólogo e contista, cuja obra reflete um profundo senso social, da época em que vivia, particularmente, da cidade do Rio de Janeiro.

“Em vez de ciumento, era paternal; em vez de fechá-la, passeava-a por todos os salões, dava recepções, queria mostrá-la como o facho de sua glória.”

Nesse período, os objetos diretos estão representados por pronomes. Compare:

“Em vez de ciumento, era paternal; em vez de ficarem fechados, passeavam por todos os salões, davam recepções, queria mostrá-la como o facho de sua glória.”

Repare que ao optar pelo uso de pronomes oblíquos, como objeto direto dos verbos “fechar”, “passear” e “mostrar”, referindo-se à personagem central do conto, Alda, o narrador pretende, intencionalmente, mostrar a imagem da mulher, no início do século XX.

O trecho analisado pode mostrar que a mulher é tratada como objeto, mesmo que seja de luxo, pois, se a construção sintática fosse outra, passeavam, por exemplo, a ideia seria diferente.

Podemos concluir, por meio das análises apresentadas neste capítulo, que o aspecto verbal e a transitividade exercem nos enunciados, além de uma função sintática, uma

função semântica, que incide diretamente sobre a construção do sentido e na intencionalidade nos discursos.

Esses, entre outros fatores apontados, justificam e tornam mais evidentes, a relação sintático-semântica que existe, entre aspecto verbal e transitividade.

Considerações Finais

O objetivo deste trabalho foi desenvolver um estudo do verbo e da relação sintático-semântica, entre aspecto e transitividade, a fim de construir conceitos que justificassem a classificação transitiva e a variação aspectual dos verbos, nos enunciados.

Aspecto é uma categoria do verbo pouco estudada, fora do âmbito acadêmico, possivelmente, pela dificuldade encontrada para diferenciá-lo das demais categorias.

O conceito expresso pelo verbo pode ser dimensionado de diferentes formas, por intermédio das categorias que têm funções diferentes. O aspecto é a visão objetiva, entre processo e o estado expresso pelo verbo e a ideia de duração ou desenvolvimento. É a representação espacial do processo. Diferentemente do tempo que representa uma vinculação, com um dado momento.

O aspecto marca, ainda, a forma como o desenvolvimento do processo é considerado pelo falante, realçando o caráter dinâmico e temporal do verbo.

O contexto pode exercer influência, não só sobre o aspecto, mas, também, pode determinar a classificação transitiva dos verbos, nas sentenças.

Quando um verbo representar, em uma oração, uma ideia de grande extensão semântica, ele necessita de signos léxicos delimitadores, os argumentos ou complementos.

Entre esses delimitadores citamos o complemento direto, que se diferencia do sujeito, por aparecer, normalmente, à direita do verbo.

Como a inversão desses dois termos pode implicar em alteração de sentido, às vezes, o complemento direto aparece preposicionado para evidenciar o contraste, entre sujeito e predicado.

Essa preposição, que se apresenta depois de certos verbos, serve muito mais para lhes acrescentar sentido, do que para reger os seus complementos e recebe o nome de posvérbio.

O complemento relativo nos predicados complexos faz-se necessário, quando o verbo tem um conteúdo léxico de grande extensão semântica, exigindo outro tipo de signo léxico, que delimita a experiência comunicada, ligado a ele por uma preposição. Diferentemente do complemento relativo, o objeto indireto faz referência a um ser animado.

Hopper e Thompson (apud Figueira, 1996) afirmam que a noção de transitividade, nas sentenças, tem a ver, não só com a presença de um complemento para o verbo, mas, com outros componentes que se referem ao aspecto.

A descrição da transitividade, como um conjunto de traços, nos permite falar em graus de transitividade. Esses traços, que determinam o grau de transitividade, referem-se, também, ao aspecto. Assim, o primeiro ponto a ser considerado, na relação entre aspecto e transitividade, é que os verbos considerados representantes de cada classe aspectual, não são tipos puros, podendo variar, de acordo com a alteração do complemento utilizado.

A expressividade e a construção de sentido são decorrentes de um árduo trabalho com a língua.

Na análise apresentada, do conto de Alcântara Machado, observamos que as escolhas entre as diferentes formas verbais empregadas puderam dar, ao leitor, uma idéia

mais precisa da realidade que se pretendia descrever. Essas escolhas, ora de formas simples, ora compostas, permitiram diferentes efeitos de sentido, no conto. Também foi possível observar outras diferenças de sentido obtidas, a partir da variação do aspecto verbal.

Pudemos observar, também, como a escolha da representação dos complementos nos predicados complexos pode determinar a intencionalidade discursiva.

Diante da pesquisa e das análises apresentadas, conclui-se que é possível identificar, em diferentes enunciados, uma relação sintático-semântica, entre aspecto e transitividade.

A escolha das diferentes formas verbais, a variação do aspecto e os diferentes signos léxicos, que acompanham os verbos, nos predicados complexos, podem provocar os mais diversos efeitos de sentido.

O estudo do tema permitiu que fossem levantadas inúmeras questões, sobre o estudo dos verbos e o uso da língua. A intenção deste trabalho não foi apresentar respostas inovadoras para tais questões, nem, tampouco, contestar a teoria existente, mas, foi chamar a atenção, principalmente, daqueles que se utilizam da língua, como forma de expressão e comunicação, para alguns pontos relevantes, relacionados à sintaxe e a semântica dos verbos, na produção de textos, orais ou escritos.

Referências Bibliográficas

- AZEREDO, José Carlos de.(1999). *Iniciação à Sintaxe do Português* . Rio de Janeiro: Jorge Zahar.5.ed.
- BECHARA, Evanildo. (2000). *Moderna Gramática Portuguesa*. Rio de Janeiro. Lucerna. 37.ed.
- BYBEE, Joan & Paul Hopper.(2001). *Frequency and Emergence of Linguistic Structure*.Philadelphia. USA. John Benjamins Publishing Co.
- CASTILHO, Ataliba T. de . (1968). *Introdução ao Estudo do Aspecto Verbal_na Língua Portuguesa* . Marília. São Paulo.Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Marília, Coleção de teses, no 6.
- COSTA, Sonia Bastos Borba.(2002). *O Aspecto em Português* . São Paulo. Contexto.3. ed.
- DE NICOLA, José.(2009). *Gramática:palavra, frase e texto*/colaboração Lorena Menón . São Paulo. Scipione.
- FIGUEIRA, Rosa Attié.(1996). *Uma Nota Sobre Aspecto e Transitividade*. D.E.L.T.A., Vol. 12, No. 1, p.153-171
- GURPILHARES, Marlene S. Sardinha. 1975. *Os Verbos de Movimento e a Transitividade*. D.M.
- LANDEIRA, José Luis Marques López e Sylvia Homem de Bittencourt. (2007). *Língua Portuguesa – Ensino Médio – Rede Salesiana de Escolas* – Brasília: CIB-Cisbrasil, Vol. 1 e 2.
- LIMA, Maria Cecília Barbosa. (1985). *A Transitividade: Contribuição para uma Tipologia Oracional*. T.D.
- VERKUYL, Henk J.(1996). *A Theory of Aspectuality*. Cambridge University Press.

